



Intervenção arqueológica no espaço do Claustro do Mosteiro de Ermelo. Resultados

Sandra Nogueira*

Palavras-chave

Mosteiro de Ermelo, claustro, cerâmica

Keywords

Monastery of Ermelo, cloister, pottery

Resumo

Após a intervenção arqueológica efectuada no contexto dos trabalhos de valorização no perímetro da Igreja e Ruínas do Mosteiro do Ermelo, em Arcos de Valdevez, cujos resultados foram publicados no número 4 / ano 5 da revista OPPIDUM, houve a necessidade de tentar confirmar a existência do espaço monacal associado à parede do claustro que ainda se observa a Sul da Igreja. Assim, procedeu-se à execução de sondagens arqueológicas de avaliação no terreno contíguo às ruínas do Claustro, promovidas pela Fábrica da Paróquia de Ermelo e realizadas pela Archeo'Estudos, Lda. Poucas são as referências documentais ou bibliográficas especificamente direccionadas à existência de um edifício relativo ao mosteiro. Durante séculos, o espaço associado ao cenóbio, do qual apenas resta uma parede do claustro, foi pertença do pároco local, sendo mesmo referido em documentos como "orta ou passal do Cura". Este pano pertenceria à fachada Este do claustro existente, seguindo para Norte tal como se observa no interior da Casa Paroquial.

Abstract

After the archaeological intervention that aimed the appreciation of the area around the Church and Ruins of the Monastery of the Ermelo, in Arcos de Valdevez, whose results were published in this magazine last year, it became necessary to try to confirm if there was a monastic area associated with the cloister wall that can still be seen to the south of the church. Thus archaeological diggings were made to evaluate the area next to the ruins of the cloister. These diggings were promoted by the Factory of Ermelo Parish and carried out by the Archeo'Estudos, Lda. There are few documental or bibliographical references mentioning a monastic building. For centuries the area associated to the monastery, of which hardly a cloister wall remains, used to belong to the local priest. It was even mentioned in documents like the orta do passal ou do Cura. This wall would belong to the east front of the cloister that still exists and it would continue towards North as it can be observed inside the Parochial House.

* Arqueóloga

1. Introdução

Após a intervenção arqueológica efectuada no contexto dos trabalhos de valorização no perímetro da Igreja e Ruínas do Mosteiro do Ermelo, em Arcos de Valdevez, cujos resultados foram publicados nesta revista no ano transacto, houve a necessidade de tentar confirmar a existência do espaço monacal associado à parede do claustro que ainda se observa a Sul da Igreja.

Procedeu-se à execução de sondagens arqueológicas de avaliação no terreno contíguo às ruínas do Claustro, parcela que ao longo dos séculos foi sempre terreno pertença do padre ou pároco, tal como se pode comprovar na leitura de documentos do século XVIII, onde o mesmo é designado como “orta ou passal do Cura”. (ADB, Registo Geral, Lv. 216, Fl. 133 v).¹

Esta intervenção foi realizada pela Archeo' Estudos, Lda, dirigida pela signatária e promovida pela Fábrica da Paróquia de Ermelo.

2. Contextualização

A Igreja e Ruínas do Mosteiro de Ermelo, classificados como Monumento Nacional pelo decreto n.º 129/77, DR 226 de 29 de Setembro de 1977, revelam-se um conjunto muito particular e alvo de variadas opiniões, no que concerne à sua fundação e ao(s) estilo(s) arquitectónico(s) que apresenta.

Foi fundado inicialmente na freguesia de S. Pedro ou S. Salvador dos Arcos, em Arcos de Valdevez, actual S. Pedro do Vale, sendo transferido mais tarde para o lugar de Ermelo. Os primeiros reis portugueses doaram coutos a este mosteiro.

Terá sido padroado real durante a sua existência, sendo filiado no Mosteiro cisterciense de Fiães, em Melgaço. Inicialmente terá professado a ordem beneditina, passando para a Ordem de Cister no século XIII, possivelmente aquando da filiação ao Mosteiro de Fiães.

Foi objecto de quezílias entre os monarcas e nobres e entre monarcas e religiosos, devido essencialmente a quem pertencia o seu padroado.

A Igreja de Ermelo, terá sido objecto de várias transformações arquitectónicas desde a sua edificação inicial. Assim, uma primeira fase corresponderá à refundação no local de Ermelo, quando a comunidade professava a Ordem Beneditina, na segunda metade do século XII, o que se pode comprovar pelos motivos escultóricos dos capitéis das capelas laterais, que actualmente se encontram no exterior da Igreja. Estes capitéis mostram profundas afinidades com os capitéis do portal principal da Igreja de Manhente, em Barcelos.

A segunda alteração corresponderá à redução do tamanho da Igreja, no século XIII, de três para uma nave, a existente actualmente, mais concretamente com adopção da comunidade da observância cisterciense. Desta época pode-se observar os motivos escultóricos dos capitéis do arco cruzeiro, bem como da fresta da cabeceira da Igreja, que possuem afinidades com os capitéis do portal da fachada principal da Igreja de S. Pedro de Ferreira, em Paços de Ferreira.

A terceira fase, no século XVIII, corresponderá às obras de demolição das capelas laterais, com reaproveitamento do espaço da capela lateral Norte para sacristia, bem como construção da Casa Paroquial, que destruiu a ligação entre os espaços regulares e a Igreja. Dá-se também a construção do campanário.

A última fase corresponde à construção da Torre do Relógio no século XX, que foi demolida aquando das obras de requalificação do Adro da Igreja.

3. Objectivos e metodologia

Poucas são as referências documentais ou bibliográficas especificamente direccionadas à existência de um edifício relativo ao mosteiro.

¹ A equipa foi constituída por 5 elementos divididos entre arqueólogos e assistentes de Arqueologia, cuja coordenação ficou a nosso cargo.



Figura 1. Perspectiva da Igreja de Ermelo (Paula Barreira).



Figura 3. Parede Oeste do Claustro do Mosteiro de Ermelo (DGEMN).

Durante séculos, o espaço associado ao cenóbio, do qual apenas resta uma parede do claustro, foi pertença do pároco local. Assim sendo, o objectivo da intervenção seria confirmar a construção do mosteiro e perceber se terá existido ocupação do mesmo.

A metodologia utilizada na intervenção arqueológica baseou-se na Matriz de Harris de Unidades Estratigráficas, através da decapagem por camadas por ordem inversa à sua deposição, às quais foi atribuída uma ficha de Unidade Estratigráfica, que por sua vez se encontra



Figura 2. Perspectiva do terreno intervencionado antes do início dos trabalhos de escavação (N-S).

associada a uma ficha de espólio. Os perfis e os planos foram desenhados à escala 1:20, procedendo-se ainda ao registo sistemático dos trabalhos arqueológicos em fotografia.

O espólio encontrado, referenciado em relação à Sondagem e Unidade Estratigráfica, foi alvo de tratamento preliminar, inventário e classificação.

4. Sondagens arqueológicas

O terreno intervencionado nesta fase de trabalhos arqueológicos, tem cerca de 18,32m por 8,47m. A parede do claustro que ainda resta pertenceria à fachada Oeste do claustro existente, seguindo para Norte tal como se observa no interior da Casa Paroquial.

As sondagens foram implantadas estrategicamente de modo a abarcar todos os pontos onde ainda pudessem existir vestígios de alicerces ou embasamentos das paredes divisórias do edifício.

Foram escavadas 5 sondagens, sendo uma delas aterrada por falta de segurança (Sondagem 15) e uma outra não foi escavada mais de 1 m de profundidade (Sondagem 14), pois despendemos o tempo para as outras 3 sondagens.

Em nenhuma das sondagens foi atingido o solo de base, sendo a profundidade média alcançada cerca de 1,80 m, pois foi esgotado o prazo previsto para a execução desta fase.

4.1. Sondagem 11

A sondagem 11 (12,70 m²) foi implantada junto ao arco que se encontra mais a Sul no terreno da Paróquia. Previamente, foi retirado um

nível de pedras amontoadas, parecendo o derrube que corresponderia à parte da reconstrução do espaço entre os arcos numa época recente. Os níveis iniciais encontravam-se cortados por um rego de água escavado na terra e ainda em uso.

A cerca de 1,20 m de profundidade detectou-se um novo derrube de pedras de tamanhos variados, sendo que poucas se apresentavam faceadas. A corresponder ao derrube da parede do



Figura 4. Implantação das Sondagens Arqueológicas.

claustro, o aparelho seria um pouco tosco, muito diferente do aparelho pseudo-isódomo que ainda hoje se observa na parede que ainda resta. Estaremos, possivelmente, perante reconstruções que se terão efectuado ao longo dos séculos.

As camadas superficiais do interior do arco foram profundamente perturbadas, constatando-se a presença de lixos muito recentes.

A cerca de 1,70 m de profundidade foi detectado um nível de material de construção, nomeadamente telhas, que corresponderá ao nível de colapso do telhado do mosteiro. Este nível de telhas caracteriza-se por telhas de tamanhos variados e coloração entre o bege e o vermelho claro. Revelam um fabrico artesanal, pois a pasta é muito porosa e os desengordurantes são de grande dimensão. Algumas possuem sulcos digitados.

Finalizamos a escavação desta sondagem quando foram detectadas três unidades estratigráficas, sendo que uma delas parece



Figura 5. Sondagem 11- UE 1114 - Nível de colapso do telhado.

corresponder a um piso, devido essencialmente às suas características, pois correspondia a um sedimento de coloração escura, muito compacto. Estaríamos assim perante um nível de ocupação.

Como não foi possível escavar até à rocha base, só numa nova intervenção conseguiremos observar o nível do alicerce, o embasamento da parede do claustro e perceber onde andaria o nível de circulação do edifício (Fig. 6 a 9).

4.2. Sondagem 12

A Sondagem 12 (8 m²) foi implantada junto ao canto Nordeste do terreno paroquial, encostando-se ao muro que limita a Este esta parcela.

A cerca de 0,70 m de profundidade revelou-se uma camada escura com carvões. Paralelamente a esta camada deparamo-nos com um conjunto de sedimentos que pelas características, compacidade, coloração e inclusões de carvões, bem como pela presença de restos osteológicos expostos a alta temperatura, parecem corresponder a um nível de combustão. Este nível localiza-se junto aos cortes Oeste e Sul. Não foram encontradas pedras ou negativos destas, associados ao nível de combustão. Contemporâneo a este conjunto de camadas escavou-se uma unidade estratigráfica na qual se recolheu uma quantidade considerável de fragmentos de cerâmica comum, grande parte dela com marcas de ter sido exposta ao fogo (Fig.s 10 a 12).

4.3. Sondagem 13

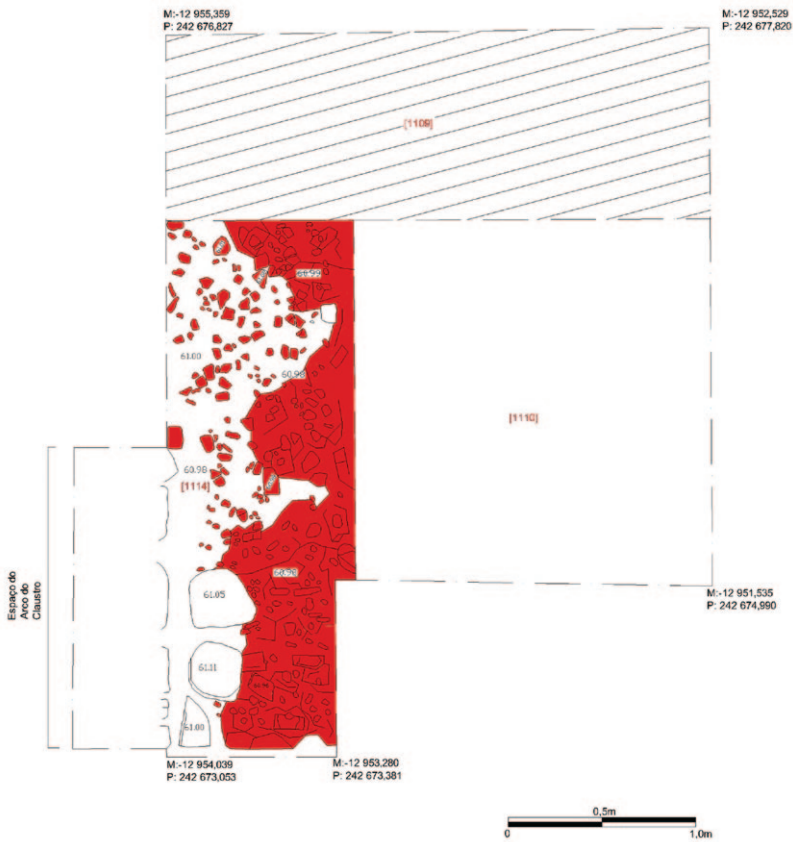
A Sondagem 13 (9 m²) foi implantada junto ao muro Este do limite do terreno, afastada cerca de 7 m para Sul da Sondagem 12.



As camadas superficiais encontravam-se revolvidas devido à presença de uma laranjeira junto ao Corte Oeste da sondagem.

A cerca de 0,60 m de profundidade observou-se um alinhamento de pedras muito rudimentar que poderá ter correspondido a uma construção bastante tosca de apoio à lavoura ou currais, tal



Figura 6. Sondagem 11- UE 1120 - Sedimento escuro compactado.



Sondagens no Claustro do Mosteiro de Ermelo			
Sondagem 11- UE. 1114 - nível de telhas			
 Telha	Levantamento Fotométrico		
	Campo		Abri/ 2010
	Campo	Lusitano	
	Gabinete	Jun/ 2010	
Gabinete		Sandra Reg.	


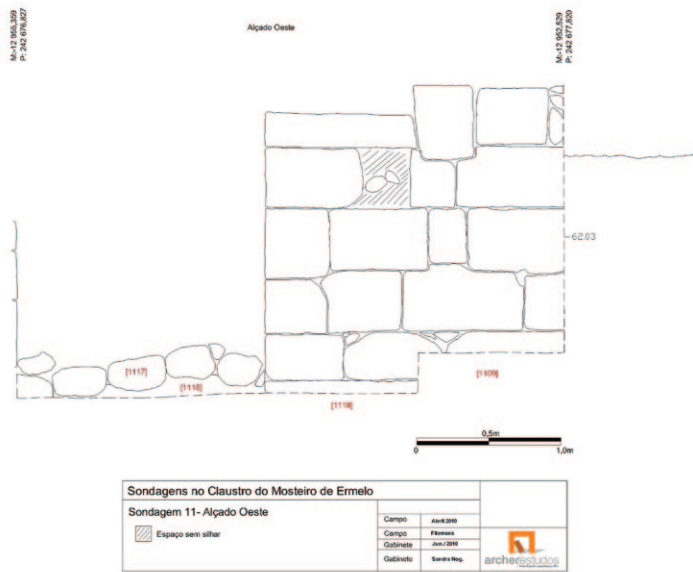

archeostudos
Estudos e Restauro

Figura 8. Sondagem 11- UE 1114 - Nível de telhas.



Figura 7. Sondagem 11- Alçado Oeste da parede do claustro.




Sondagens no Claustro do Mosteiro de Ermelo			
Sondagem 11- Alçado Oeste			
 Espaço sem altar	Campo		Abri/2010
	Campo		Floresma
	Gabinete	Jun./2010	
	Gabinete	Sandra Reg.	

Figura 9. Sondagem 11- Desenho do alçado Oeste.

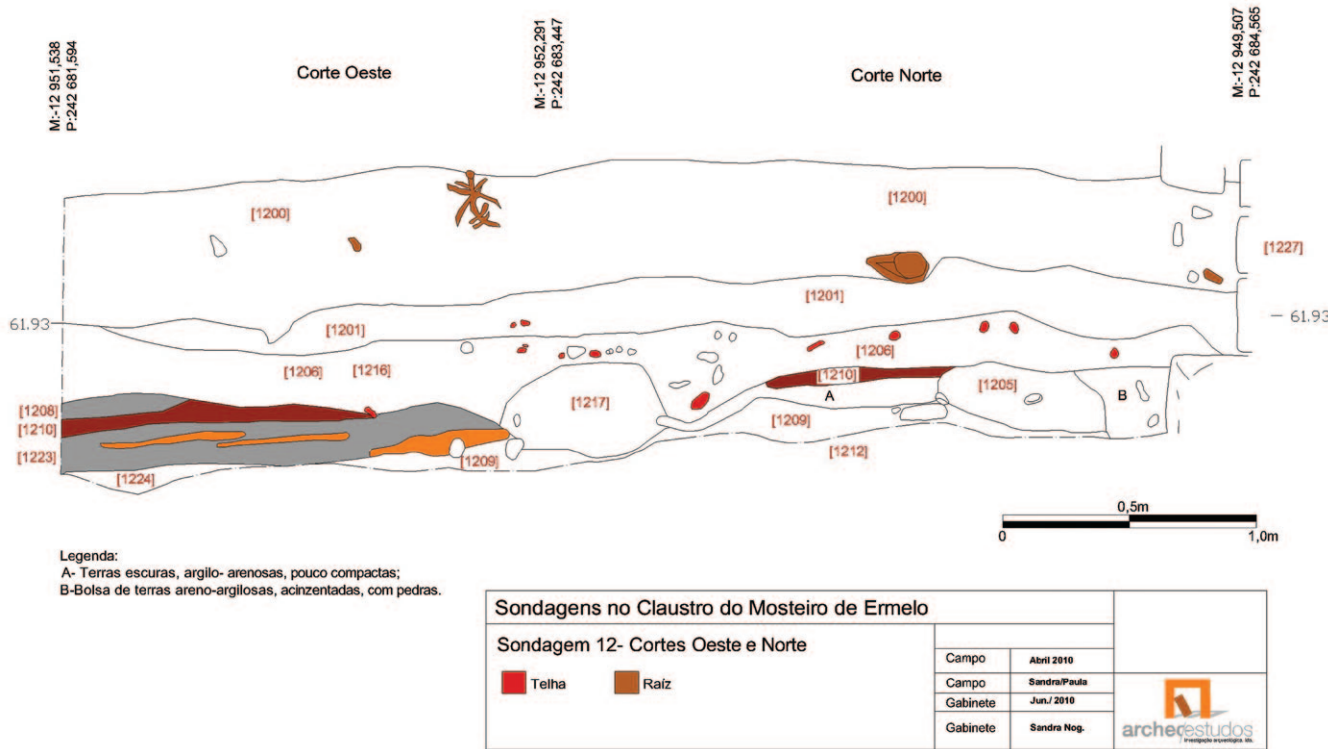


Figura 10. Sondagem 12- Cortes Oeste e Norte.

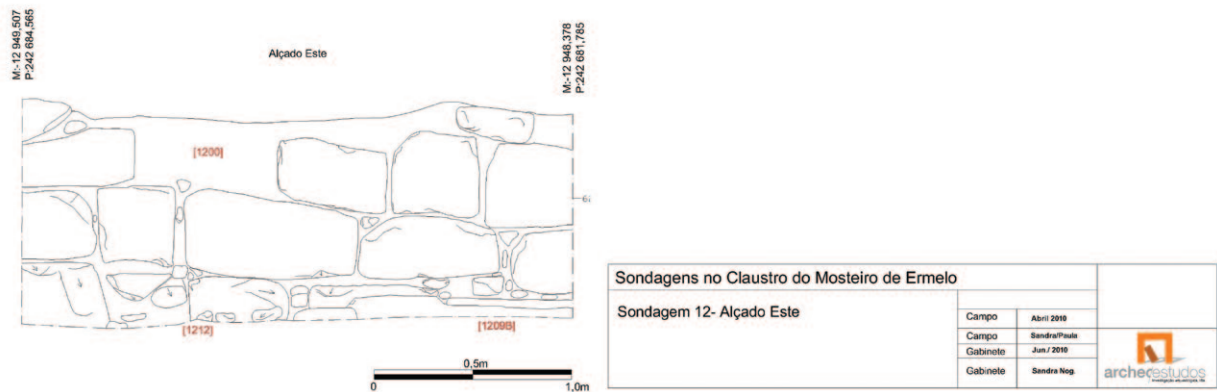


Figura 11. Sondagem 12- Desenho do Alçado Este.



Figura 12. Sondagem 12- Alçado Este.

como aparece descrito num Prazo elaborado no século XVIII. (ADB, Registo Geral, Lv. 216, Fl. 133v).

Sob uma camada com inclusões muito frequentes de pedras de diversos tamanhos, não faceadas, detectou-se, a cerca de 1,60 m de profundidade, um nível de material de construção, nomeadamente telhas, que corresponderá ao colapso do telhado do mosteiro. Tal como na Sondagem 11 este nível de telhas caracteriza-se por telhas de tamanhos variados e coloração entre o bege e o vermelho claro. Revelam um fabrico artesanal, pois a pasta é muito porosa e os desengordurantes são de grande dimensão. Algumas possuem sulcos digitados (Fig. 13).

Em comparação com a Sondagem 11, o nível de telhas encontra-se à mesma cota, o que pressupõe ter existido nesta parcela de terreno uma construção com telhado. Por baixo deste nível foi escavada uma camada muito escura que revelou uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica comum, grande parte deles Tipo Prado.

Finalizamos a escavação da sondagem, pois como já foi referido anteriormente, não foi possível escavar até à rocha base, com a detecção de uma camada de terras muito escuras, muito compactadas, que parecem corresponder a um piso. Assim, estaríamos perante um nível de ocupação, que só poderá confirmar-se com uma nova intervenção (Fig.s 14 e 15).

4.4. Sondagem 14

A Sondagem 14 (4 m²) foi implantada junto à parede Oeste do terreno, afastada da sondagem 11, 3, 45 m para Sul.

Tal como as anteriores, esta sondagem não foi escavada até à rocha base, tendo ficado nos níveis superficiais, onde se observaram várias estruturas de distribuição de água, uma das quais tem continuidade com a já identificada na sondagem 11. Trata-se de um pequeno rego aberto nas terras que transporta a água aos campos de cultivo que se encontram no patamar inferior, a Sul do terreno intervencionado.

Observou-se ainda um alinhamento rudimentar de pedras. No entanto, não foi possível perceber a sua finalidade devido a estar embutido no corte Este da sondagem (Fig.s 16 e 17).

4.5. Sondagem 15

A Sondagem 15 (6 m²) foi escavada junto ao canto Sudeste do terreno da paróquia. Contudo a escavação foi interrompida a cerca de 1m de profundidade devido a um deslizamento de terras ocorrido junto ao muro Sul, limite do terreno.

No espaço que foi possível escavar, os níveis intervencionados correspondiam aos aterros e revolvimentos da Sondagem 13 e percepcionou-se que o muro Este tinha continuidade nesta sondagem, bem como o cunhal com o muro Sul.

Percebe-se, ainda, na leitura dos aparelhos dos muros existentes no espaço que concerne a sondagem, a Este e Sul, que terá ocorrido uma perturbação, que poderá ter dado origem a um derrube e posteriormente a uma reconstrução. Assim, o aparelho utilizado para construção do cunhal caracteriza-se pela utilização de pedras do mesmo tamanho, perfeitamente faceadas – aparelho pseudo-isódomo, típico da arquitectura românica – enquanto que no espaço a Este da sondagem o muro é composto por pedras de variados tamanhos, dispostas de forma rudimentar (Fig. 18).

5. O espólio

A natureza do espaço intervencionado, local que foi sendo aterrado ao longo dos séculos, com os sedimentos superficiais revolidos pela agricultura, foi possível a recolha de um número significativo e variado de fragmentos cerâmicos, sendo possível notar uma certa amplitude cronológica de materiais.

Os materiais metálicos, líticos e osteológicos não são muitos significativos, pois recolheram-se em quantidades muito reduzidas.



Figura 13. Sondagem 13 - UE1310 - Nível de colapso do telhado.

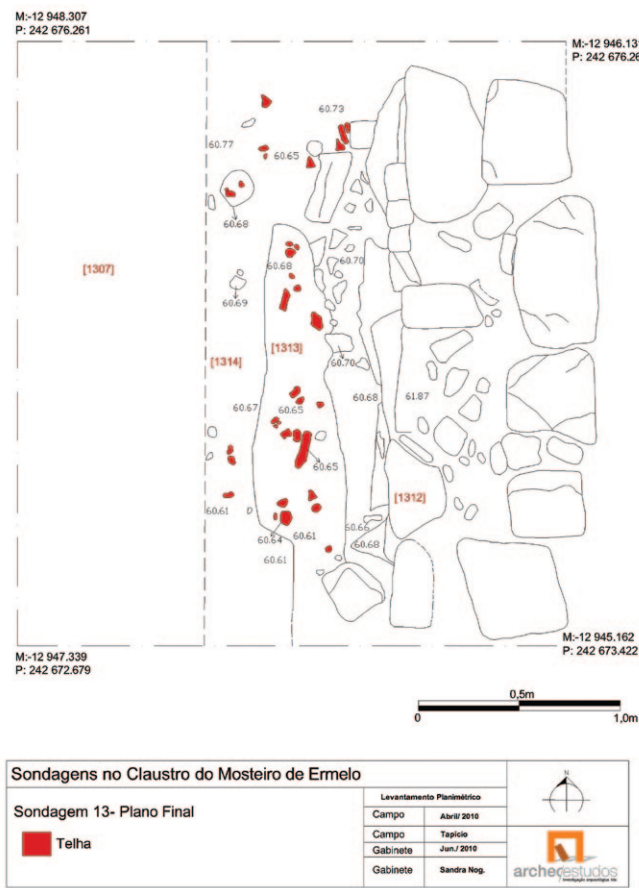


Figura 14. Sondagem 13 - Plano Final.

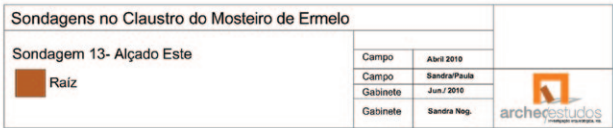
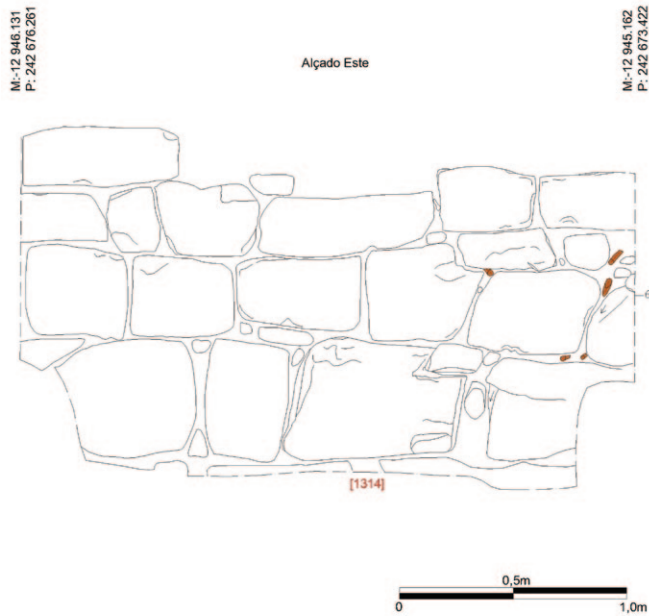


Figura 15. Sondagem 13 - Alçado Este.



Figura 16. Sondagem 14 - UE.1409.

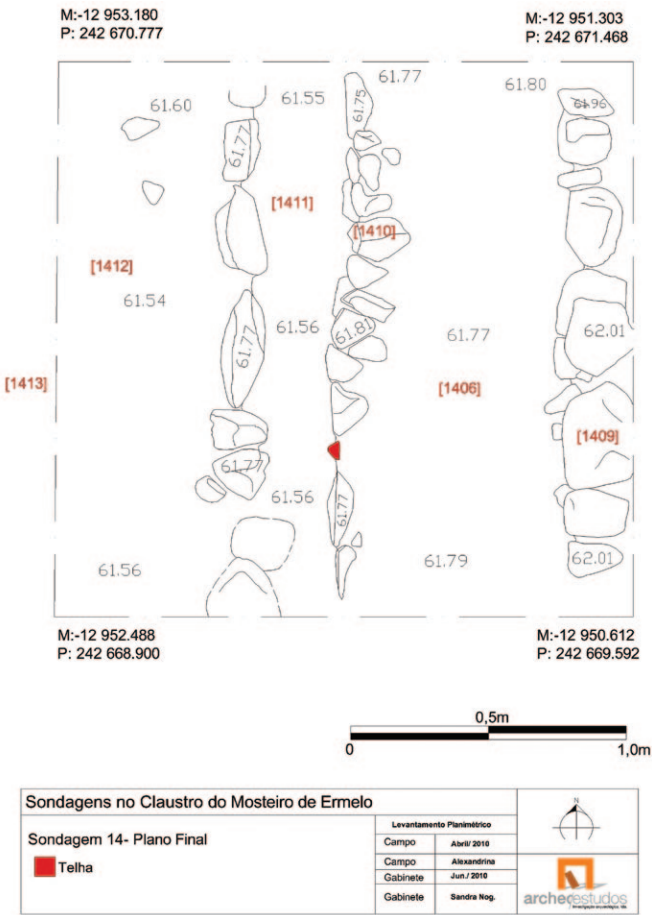


Figura 17. Sondagem 14 - Plano Final.

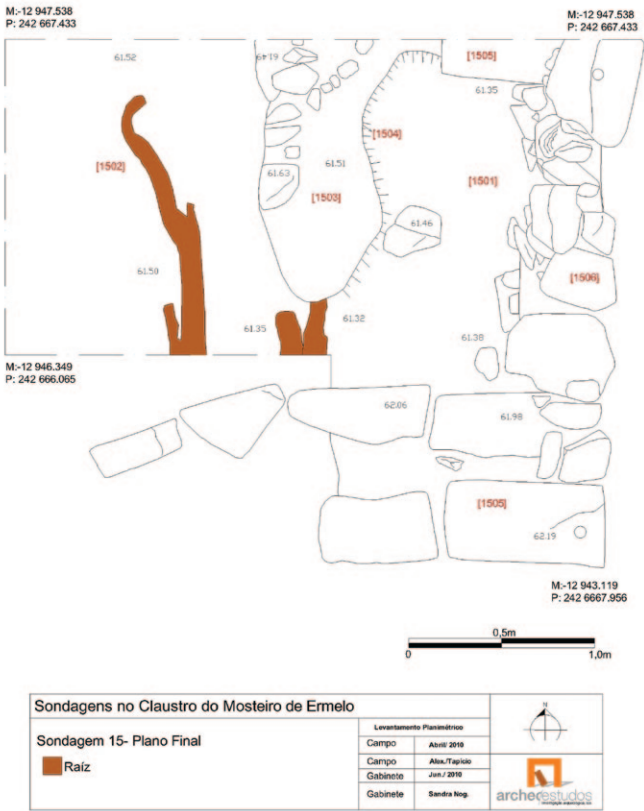


Figura 18. Sondagem 15 - Plano Final.

Assim, no grupo das cerâmicas comuns é representativo o grupo de cerâmicas Tipo Prado, inicialmente identificadas por Alexandra Gaspar nas escavações arqueológicas realizadas na Rua de Nossa Senhora do Leite, em Braga, em 1983 (Gaspar, 1983). Em termos cronológicos a sua produção insere-se desde os séculos XIV até à época moderna.

O grupo de fragmentos de cerâmica observado é composto essencialmente por cerâmicas de paredes finas, de boa cozedura, e de pastas com tonalidades que variam entre o bege e o cinzento-escuro. A pasta é sempre dura, de toque metálico, que lhe é conferido por uma boa cozedura. O desengordurante é constituído por pequenas partículas de micas e quartzos e, em algumas peças, é essencialmente constituído por cerâmica moída associada.

Alguns fragmentos possuem decoração nas paredes exteriores onde se percebem linhas riscadas em formas onduladas, riscos verticais paralelos, ponteados incisos e alguma decoração plástica.

Quanto às formas, destacam-se as tigelas, potes, jarros e panelas (Fig.s 19 e 20).

Ainda no grupo das cerâmicas comuns, foram recolhidos alguns fragmentos, que se caracterizam por possuírem pastas cinzentas escuras, de paredes grossas, pouco duras, esponjosas e friáveis. O desengordurante caracteriza-se pela presença de moscovite e biotite associadas a partículas de quartzo. É mal alisada apresentando, nalguns fragmentos, a face rugosa. Pelas formas parecem panelas, testos e potes. Alguns fragmentos apresentam decoração incisa, como o caso dos testos e do pequeno prato recolhido na Sondagem 12, associado ao nível de combustão, no qual a decoração incisa e de caneluras apresenta-se no fundo da peça, no colo e na aba.

Não se encontrou qualquer paralelo imediato com estes fragmentos, contudo foi sugerido pelo Dr. Luís Fontes, da Universidade do Minho que deste tipo de peças foi recolhido um exemplar nas escavações do Castelo do Lindoso, muito

próximo do local desta intervenção, onde estaria associado a níveis do século XIV. Foram contactos outros especialistas conhecedores de cerâmica de cronologia medieval e a única sugestão efectuada seria que pela decoração parecia enquadrar-se no século XII, contudo a pasta apresenta características mais recentes.

Como não se revelam certezas, este tipo de cerâmica poderá ser originária de um centro produtor mais próximo de Ermelo (Fig.s 21 a 23).

Ainda dentro do grupo das cerâmicas comuns, recolheu-se um número reduzido de cerâmica balizada entre os séculos VIII-XI-cerâmica cinzenta tardia. São fragmentos de pasta cinzenta, com cerne cinza claro e superfície quase negra, com desengordurante composto por quartzo e fedspatos (micas de moscovite, muito finas). A superfície exterior é alisada, contudo o interior seria pouco trabalhado, reconhecendo-se as estrias da rotação contínua da peça. Da estação arqueológica de S. Martinho de Dume saiu uma peça com estas características. (Gaspar e Fontes, 1997) (Fig. 24).

Foram ainda recolhidos, nas camadas escavadas a uma cota inferior, da Sondagem 12, fragmentos de cerâmicas de cronologia de tradição indígena, normalmente associadas a Castros da Idade do Ferro romanizados. Existem fragmentos semelhantes, que foram observados no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, de peças provenientes do Balneário Pré- Romano da Estação, em Braga (Fig. 25).

No grupo das cerâmicas vidrados de chumbo, as suas formas englobam objectos de preparar e servir alimentos, como é o caso de alguidares, tigelas e caçoilas que, comparados com os vidrados de chumbo encontrados na Casa do Infante, poder-se-á admitir o centro oleiro do Prado - Braga. A cronologia aplicada a estes objectos é bastante lata podendo-se estabelecer como balizas cronológicas o século XVI e o século XX (Barreira, 1997:180).

Apresentam pastas maioritariamente claras entre as tonalidades brancas e rosadas, mas também escuras, como por exemplo cinzentas. Os vidrados apresentam diversas colorações como os alaranjados, os melados, verdes e os castanhos (Fig. 26).

Recolheu-se também uma pequena amostra de fragmentos de cerâmica de pasta vermelha alaranjada, que se encontram revestidas com engobe de tonalidade vermelha mais escura ou acastanhada. A sua produção é normalmente atribuída ao centro produtor Aveiro/ Ovar, sendo que existe documentação que data do Século XVII a produção e abastecimento da cidade do Porto. (Barreira, 1997:181)

As suas peças mais comuns são as tigelas e cântaros (Fig. 27).

Dentro do grupo das faianças, os fragmentos recolhidos não apresentam qualquer marca de fabrico correspondendo, essencialmente, ao grupo designado como tipo Brioso, produzida, desde metade do século XVII, em Coimbra, por Manuel da Costa Brioso. São, especificamente, peças de decoração e de servir alimentos, como é o caso de pratos e tigelas.

As peças de pastas claras e esmalte de cor branca apresentam decorações pintadas a azul e vinoso, linhas concêntricas, linhas espiraliformes e “rendas”, entre outros motivos (Fig. 28).

Dentro do material de construção recolheram-se fragmentos de telhas fabricadas em Ermelo, pois durante muito tempo existiu uma fábrica que confeccionava telhas, sendo mesmo, que um dos telhados da Igreja terá sido com “telha de Ermelo”. Caracteriza-se por ter pasta dura, mas friável, com desengordurantes de tamanho grande, constituídos essencialmente por quartzos. A fábrica fechou quando foi construída a Estrada Municipal que passa acima da Igreja (Figs 29 e 30).

Das telhas recolhidas nos níveis de colapso do telhado observados nas Sondagens 11 e 13, separaram-se as telhas com fragmentos de sulcos digitados. Contudo não se reconhece uma marca específica (Fig. 31).

6. Conclusões

A leitura possível, dos resultados das escavações nas sondagens arqueológicas, no terreno junto à parede Oeste do claustro, leva-nos a afirmar que parte do mosteiro foi construído e ocupado durante a Idade Média. Não foi possível

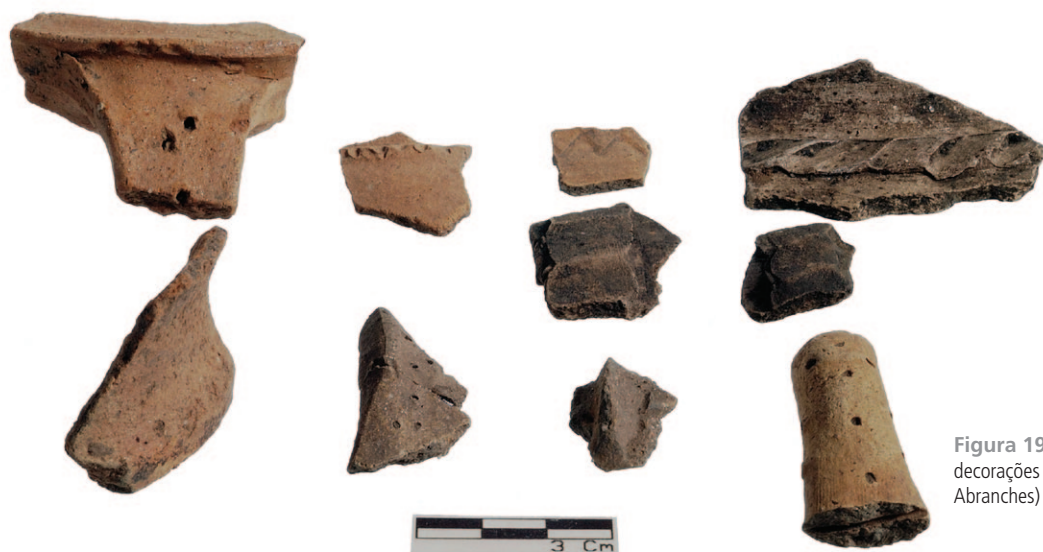


Figura 19. Cerâmica Tipo Prado-decorações mais comuns (Ricardo Abranches)



Figura 20. Cerâmica Tipo Prado- bordos (Museu D. Diogo de Sousa).

Figura 21. Cerâmicas cinzentas, de paredes grossas – decorações (Ricardo Abranches).



Figura 22. Prato fragmentado recolhido na Sondagem 12 (Ricardo Abranches).

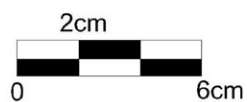
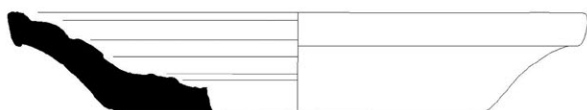
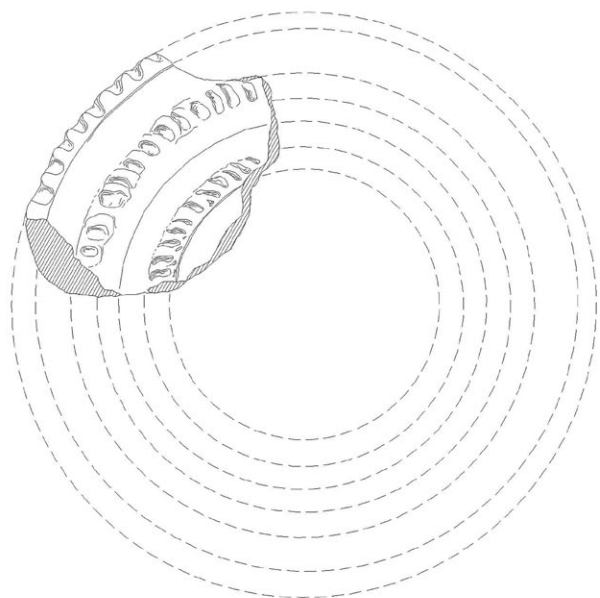


Figura 23. Prato fragmentado recolhido na Sondagem 12 – desenho (Filomena Martins).

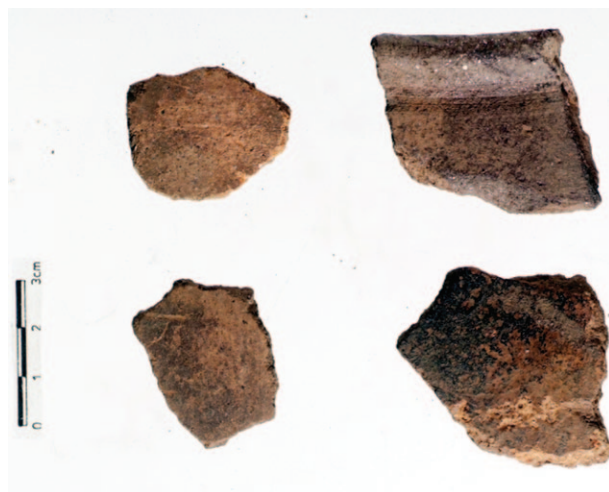


Figura 25. Cerâmica tradição indígena- bordo e panças (Museu D. Diogo de Sousa).



Figura 26. Cerâmica vidrado de Chumbo (Museu D. Diogo de Sousa).



Figura 24. Cerâmica Cinzenta Tardia - bordo e panças (Museu D. Diogo de Sousa).



Figura 27. Cerâmica de Aveiro/Ovar-bordos (Museu D. Diogo de Sousa).

Figura 28. Cerâmica Faiança "do Brioso". (Museu D. Diogo de Sousa).



Figura 29. Telha proveniente da Fábrica de Ermelo (Museu D. Diogo de Sousa).



Figura 30. Telha proveniente da Fábrica de Ermelo (Museu D. Diogo de Sousa).



Figura 31. Telha com sulco digitado (Museu D. Diogo de Sousa).

identificar um nível de circulação com pavimento estruturado, como lajeado ou equivalente, mas a estratigrafia mostra a existência de um piso térreo, sobre o qual se depositou o abatimento do telhado. Este nível medieval apresenta-se a uma cota muito inferior à actual, o que sugere que o cenóbio teria uma única ala com dois pisos, um térreo e o segundo num andar superior.

Todavia, para conseguir tirar todas as dúvidas relativamente à definição das cotas de circulação será necessário prosseguir com mais trabalhos de escavação arqueológica, incluindo dentro da Casa Paroquial.

Na sondagem 12 identificaram-se vestígios de combustão associados a uma grande abundância de cerâmica. Contudo, pela localização e pela ausência de estruturas associadas, parece estranho que correspondam à cozinha monástica. Pela observação das plantas do modelo típico de um mosteiro Cisterciense a cozinha monástica localizar-se-ia mais a sudoeste. Todavia, a existência de uma única ala poderá explicar o facto de a cozinha não ter sido localizada dessa forma.

Pela ausência de vestígios arquitectónicos, como alicerces e embasamentos de paredes associado ao facto de não se ter atingido a cota da

rocha base, não foi possível perceber se existiam compartimentos, nem se o edifício se estenderia mais para Sul até ao limite do terreno paroquial ou se seria mais reduzido.

Pela observação dos materiais recolhidos foi possível identificar níveis de aterro e revolvimento até à cota do colapso do telhado do mosteiro, no qual se observam fragmentos de vidrados de chumbo, faianças e cerâmica comum oriunda de Aveiro/Ovar. Sob o nível de telhas recolheram-se fragmentos de cerâmica tipo Prado, com produção desde o século XIV, bem como fragmentos de cerâmica com uma pasta mais grosseira e friável, contudo muito bem decorada com incisões e que não foi possível detectar no imediato um paralelo cronológico. Associado a camadas mais antigas recolheram-se pequenos conjuntos de fragmentos de cerâmica datável dos séculos VIII- XI e fragmentos de cerâmica de tradição indígena, podendo explicar-se este último pela hipótese de transporte de materiais a partir de um castro romanizado que existe muito próximo das ruínas do mosteiro.

Muitas questões ficam em aberto. Respostas às mesmas só com uma intervenção em toda a área do terreno da paróquia e um estudo aprofundado do espólio recolhido.

7. Bibliografia

Documentos Manuscritos

Arquivo Distrital de Braga, Registo Geral, Livro. 216, Fl. 133 v.

Estudos

ALMEIDA, C. A. F. (1971) - Primeiras Impressões sobre a Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho. *Revista da Faculdade de Letras - Série de História*. 1.ª Série. Vol. II. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 65-116.

ALMEIDA C. A. F. (1978) - *Arquitectura Românica de Entre-Douro-e Minho*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 Vols.. Porto (ed. policopiada).

- ALMEIDA, C. A. F. (1986) - O Românico. *História da Arte em Portugal*. Vol. II. Lisboa: Publicações Alfa.
- BARREIRA, P. *et al* (1998) - 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. *2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: C. M. Tondela, p. 145-184.
- BRÁS, A. M. S. (2009) - A Igreja e o Mosteiro de Ermelo - Património Cisterciense esquecido no tempo. Braga: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa.
- GASPAR, A. (1985) - Escavações Arqueológicas na Rua de N^a. Sra. Do Leite em Braga. *Cadernos de Arqueologia*. Série II. Vol. 2. Braga, p. 51-125.
- GASPAR, A. (2003) - Cerâmicas Cinzentas da Antiguidade Tardia e Alto- Medievais de Braga e Dume. *Anexos de AESPA*. Vol XXVIII, p. 455-481.
- REAL, M. L. (1998) - A construção Cisterciense em Portugal durante a Idade Média. *A Arte de Cister em Portugal e Galiza*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Pedro Barrie de La Maza, p. 43-86.
- TEIXEIRA, R. (1999) - Arqueologia dos espaços cistercienses no Vale do Douro. *Cister no Vale do Douro*. Porto: Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/Edições Afrontamento, p. 191-242.